

Os usos do dinheiro na Igreja Perfect Liberty

Resenha de SILVA, José Charles Paulino da. *Entre o Desejo e o Despreendimento: a noção do dinheiro na Igreja Perfect Liberty do Brasil*. Bragança Paulista (SP): Universidade São Francisco, Instituto Franciscano de Antropologia, Cadernos do IFAN 27, 2000, 119p. ISSN 0104-2300.

Ronan Alves Pereira – Universidade de Brasília
Pesquisador-visitante da Victoria University of Wellington, Nova Zelândia.

A publicação de José Charles P. da Silva foi escrita originalmente como dissertação de mestrado e defendida no Programa de Ciências da Religião da PUC-SP, em 2001.^[1]

O texto está dividido em três capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, o autor apresenta os antecedentes gerais da PL, tanto no Japão quanto no Brasil: inicialmente, sua história e a experiência religiosa dos fundadores; posteriormente, sua organização e doutrina. O capítulo seguinte faz um estudo da visão da PL sobre o dinheiro assim como o discurso oficial dessa igreja com respeito às oferendas de seus membros. Nesta empreitada, José Charles investiga publicações da PL amparado no “uso das análises a respeito da emulação feita por [Thorstein] Veblen; da compreensão dos modos ‘ter’ e ‘ser’ em [Erich] Fromm; bem como a análise weberiana do ascetismo intramundano protestante” (p. 12). (O capítulo, no entanto, não chega a abordar o lado prática da manipulação do dinheiro pela hierarquia da PL: como e quanto é arrecadado, qual o destino do dinheiro, se há ou não algum tipo de intercâmbio financeiro com a sede japonesa, e questões afins.) O terceiro capítulo contrabalança o trabalho, na medida em que o foco sai da instituição e volta-se para a maneira como os adeptos (“peelistas”) assimilam o discurso de sua igreja.

Partindo de palestras e depoimentos originados em entrevistas ou publicados pela instituição, o autor sugere a existência de um conflito duplo. Por um lado, o adepto se

encontra entre dois sistemas de orientações opostas: enquanto o ambiente macrossocial supervaloriza a posse e o consumo, parte da doutrina peelista enfatiza o “desapego”. Por outro lado, a PL também se vê numa encruzilhada de estratégias, pois, nem sempre, o adepto consegue equacionar a pregação peelista da prosperidade no trabalho e da necessidade de ganhar dinheiro com a busca da igreja de legitimar e justificar os donativos para si como prática de desapego material e de fomento do altruísmo.

Avançando ainda mais na descrição desse conflito latente no discurso do grupo religioso japonês, o autor nota corretamente que o dinheiro é freqüentemente fetichizado por certos mestres peelistas, que transmitem a idéia de que o dinheiro “é um ser vivo” (“notas e moedas ‘dialogam’, ‘falam entre si’”); que “não há algo que tenha tanta personalidade como o dinheiro”; e que “é preciso gostar do dinheiro” (p. 64). Em geral, porém, esse discurso fetichista e o próprio desejo recorrente das pessoas de buscarem uma vida de abundância material são contrabalanceados pela instituição ao fomentar a busca de um coração sincero, desapegado, altruísta, com propósitos socialmente aceitáveis, como o desejo de paz mundial.

Essa tentativa de resolver a contradição, observa o autor, reflete não somente a cosmovisão peelista, mas também “a cultura da retribuição” muito presente na sociedade japonesa. Uma de suas máximas seria: “Jamais se deve desfrutar ou receber algo sem que se ofereça algo em troca” (p. 71).^[21] Tudo indica que tal cultura tem penetrado paulatinamente a rotina do fiel da PL. Ela pode ser percebida na prática básica e diária da prece *oyashikiri*. Ao entoar esta prece, o adepto espera receber bênçãos divinas por intermédio do Patriarca da PL. Porém, no recebimento das graças está implícito que o peelista deve oferecer algo em troca, que pode ser contribuições financeiras, trabalhos voluntários na igreja ou, até mesmo, o esforço de praticar efetivamente a doutrina da PL.

O conflito e tensão inerentes no discurso oficial e na prática do adepto são ilustrados pelas contribuições financeiras. Entre as três modalidades existentes –*hoshi-in* (mensal, para a manutenção da igreja), *kenkin* (anual ou conforme a necessidade da instituição) e *hoshô* (espontânea e mais freqüente) –, a análise de José Charles recai sobre a última. Em sua análise, “O Hoshô representa um ato religioso e descerra toda a teologia da gratuidade peelista, na qual se enfatiza que a felicidade humana surge quando o ser humano se posta

em uma posição de oferecer-se em prol do próximo e da sociedade sem a intenção de obter com isso vantagens e benefícios pessoais” (p. 72).

Nas palestras dos mestres peelistas há uma explícita e recorrente ênfase na prática do *hoshô* como forma de exercitar o desapego e de treinar “o uso correto do dinheiro”. Todavia, nos depoimentos dos adeptos, transparece a utilização do *hoshô* como recurso “mágico” para a resolução de todo tipo de dificuldade e como fonte geradora de prosperidade. O *hoshô* passa a ser um sistema fechado e auto-explicativo: se funcionar, isto é, se o adepto obtiver “benefícios” e “graças”, ganhar-se-ia com isso mais uma prova de sua autenticidade e da necessidade de se perpetuar tal prática; se não funcionar, o adepto deve buscar nas profundezas de seu coração a razão pela falha, que, normalmente, é apontada como sendo falta de desprendimento e de um sentimento sincero de altruísmo. Neste caso, a receita é simples: o adepto deve contribuir mais financeiramente, desta vez mudando sua atitude e sentimentos!

Nesse e em outros aspectos, a PL se assemelha a distintos novos movimentos religiosos (NMRs). Pode-se dizer que a orientação geral de tais movimentos é antropocêntrica. No contexto moderno que exalta o individualismo, a ênfase recai sobre o indivíduo como agente de transformação do mundo. O espaço para críticas sociais é muito limitado. Há que se concentrar no “aqui e agora”, e não esperar o gozo dos frutos do esforço pessoal num paraíso celestial e longínquo. Deus é fiel na medida em que cada um faz a parte que lhe compete e, por conseguinte, mantém uma vida ditada pela doutrina e prática religiosa.

Outro aspecto da PL que também pode ser associado às características de outros NMRs é o uso seletivo e, por vezes, distorcido de uma ou mais tradições religiosas. José Charles menciona a formação zen-budista dos fundadores da PL para situar a noção de desprendimento dentro dos ensinamentos dessa igreja. Porém, depara-se, na utilização do conceito por essa igreja, com uma forma dissonante da pregação do Buda histórico. Enquanto as Quatro Verdades Nobres de Siddhartha pregam a eliminação do desejo para se extinguir os sofrimentos e alcançar a plenitude, há quem na PL pregue a inevitabilidade e mesmo a necessidade de se estar sempre desejando algo, contanto que o desejo seja orientado para o bem do próximo e da sociedade. Não seria exagero dizer que se ensina na PL não um “desapego” total e absoluto, como proposto pelo Buda histórico, mas um

“desapego *light*”, relativo, complacente com a vida moderna e as limitações humanas. Seria essa uma forma de a PL se adaptar ao mundo moderno e capitalista? Uma tentativa dos líderes peelistas de popularizarem o conceito budista de forma prática e acessível? Ou apenas uma expressão do “ascetismo intramundano” proposto pela PL?

O presente trabalho é instrutivo por traçar alguns paralelos com outras religiões, ainda que sem a profundidade que se espera em estudos subseqüentes. O contexto da PL é debatido, em algumas passagens, em contraste com os casos católico e protestante, o que constitui perspectiva rara entre as demais monografias sobre as novas religiões japonesas no Brasil. Como desdobramento natural, a doutrina da PL é comparada com a chamada “Teologia da Prosperidade”, muito propagada por certos grupos neopentecostais. Segundo análise de José Charles, ambas as teologias pregam o destino de prosperidade de todos aqueles que agem com retidão e, portanto, acumulam méritos perante a divindade. O diferencial estaria precisamente na ênfase que a PL deposita no “desapego”.

Essa publicação é muito bem-vinda em função da pequena –embora crescente— produção editorial sobre o tema da religiosidade japonesa no Brasil. Até o momento, esta é apenas a segunda dissertação publicada em português sobre esse tópico.

O trabalho de José Charles também confirma certas tendências no campo das religiões japonesas no Brasil. Primeiramente, reforça a idéia de que se tem privilegiado, em demasia, certos grupos nipônicos, como a Instituição Religiosa Perfect Liberty (ou, abreviadamente, PL), a Seichô-no-ie e a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyûseikyô). Entre as vinte monografias que se conhecem sobre as religiões japonesas, esses três grupos já foram objeto de quatorze estudos! A dissertação de José Charles é a quinta escrita somente sobre a PL.^[3]

Em segundo lugar, confirma o importante papel da PUC-SP como instituição fomentadora dos estudos da religiosidade oriental e, em particular, japonesa no Brasil. Nenhuma outra instituição conseguiu equiparar-se a sua produção nesse quesito: foram seis monografias nas três últimas décadas. Dentre as cinco monografias sobre a PL, quatro foram defendidas na PUC-SP!

Gostaria, por fim, de atentar para o fato de que o autor, originalmente graduado em odontologia, faz parte da hierarquia da PL no Brasil. Neste particular, José Charles não está

sozinho, visto haver outras duas dissertações escritas por “clérigos” de religiões japonesas: uma por outro “mestre” da PL e a segunda por uma “ministra” da Igreja Messiânica.

Não é novidade alguma a tentativa de grupos religiosos se aproximarem da academia, seja como forma de se contraporem às críticas externas seja como busca de legitimidade e de melhoramento de sua imagem pública. Apenas como ilustração, cito o caso do movimento neo-budista japonês Sôka Gakkai. Notei em outra oportunidade^[4] que, na relação com seus pesquisadores, os líderes do movimento procuram trazer sua linguagem e seu quadro de referência religioso para o discurso acadêmico-científico, por exemplo, através de debates de seu presidente com acadêmicos e intelectuais, de publicação de revista internacional sobre filosofia e religião, de financiamento de simpósios e pesquisas acadêmicas.

No caso específico das teses escritas pelos dois membros da PL, é evidente que oferecem mais dados para o debate acadêmico desse grupo japonês, proporcionando-lhe assim maior evidência e visibilidade. Além disso, chama a atenção o diálogo que os autores –talvez Silva menos que Fujikura– mantêm com certo universo de referência cristão e católico, em particular (orientadores, termos e conceitos como “inculturação”, argumentação, bibliografia e outros). Talvez esse diálogo seja uma iniciativa de abrir canais de comunicação com a sociedade brasileira e com academia. Neste aspecto, a PL mostra-se coerente com seu histórico de pioneira entre as religiões japonesas a direcionar seu proselitismo para os brasileiros sem ascendência nipônica e a “brasilizar” algumas de suas práticas.

^[1] Embora a data de publicação seja anterior à defesa da dissertação de José Charles, tudo indica que o texto fora, de fato, “composto e impresso” em 2001, como consta na última página.

^[2] Talvez o mais famoso especialista a discutir a “cultura da retribuição” tenha sido Ruth Benedict, em seu clássico “O Crisântemo e a Espada”. Esta antropóloga americana e vários outros especialistas discutem a “cultura da retribuição” em termos de conceitos normativos do Japão tradicional, como *on* e *giri*, e que ainda estão presentes em vários contextos sociais japoneses. *On* é a dívida (social e moral) que se contrai ao se receber de alguém um recurso de que se necessita. Na relação que se estabelece entre doador e receptor, espera-se que a dívida (*on*) seja retribuída não em espécie, mas, por exemplo, na forma de ajuda em mútuo, sempre que solicitada. *Giri* é a

norma ética complementar a *on* que demanda que se honre os compromissos e as dívidas. Veja: Harumi BEFU, “Japan: an Anthropological Introduction”. Tóquio, Charles E. Tuttle, 1983: 166-170.

^[3] As demais dissertações sobre a PL, todas de mestrado, foram escritas por: Rosali Telerman (PUC-SP, 1990), Yumi Fujikura (PUC-SP, 1992), Hiranclair R. Gonçalves (PUC-SP, 1998) e Andrea G. Santiago Tomita (USP, 2004).

^[4] “Uma vertente budista híbrida e mutante: reflexões sobre a Soka Gakkai Internacional e seus pesquisadores.” *In*: Anais do III Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil / XVI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Universidade de Brasília, 2006, no prelo.